



Entre a História Intelectual e a Antropologia Histórica: possibilidades de aproximação

Between Intellectual History and Historical Anthropology:
approach possibilities

Dionathas Moreno Boenavides

Mestrando em História

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

dionathas.boenavides@ufrgs.br

Recebido em: 30/12/2016

Aprovado em: 25/05/2017

RESUMO: Nosso artigo versa sobre a possibilidade de aproximação entre a História Intelectual e a Antropologia Histórica na prática de pesquisa. Discorremos, primeiramente, sobre problemas da História Intelectual (como a tendência ao elitismo), mas também sobre suas interessantes contribuições para a análise histórica. A seguir, fazemos o mesmo com a Antropologia histórica, ao falarmos sobre a sua dificuldade em relação à análise diacrônica e, por outro lado, sobre os ganhos que o maior interesse pela Antropologia tem trazido aos historiadores. Por fim, tentamos demonstrar como, em caráter de complementaridade, as duas áreas podem auxiliar-se reciprocamente.

PALAVRAS-CHAVE: História Intelectual, Antropologia histórica, Aproximação.

ABSTRACT: Our article is about the possibility of approach between the Intellectual History and the Historical Anthropology in the practice of research. We discourse, first of all, about the Intellectual History's problems (like the elitist tendency), but also about its interesting contributions to the historical analysis. Next, we do the same with the Historical Anthropology, seeing its difficulty with diachronic analysis and, on the other hand, the gains that the interest in Anthropology has brought to the historians. Lastly, we try to demonstrate how, complementarily, the two areas can assist each other.

KEYWORDS: Intellectual History; Historical Anthropology; Approach.

[...] sem o querer explicitamente, as ciências sociais se impõem umas às outras
[...] cada uma invade o domínio de suas vizinhas crendo permanecer em casa.
[...] Assim, malgrado as reticências, as oposições, as ignorâncias tranqüilas, a
instalação de um “mercado comum” se esboça; valeria a pena tentá-la no
decorrer dos anos vindouros, mesmo se, mais tarde, cada ciência tivesse
vantagem, por um momento, em retomar uma estrada mais estreitamente
pessoal.

Mas, é preciso aproximar-se desde logo, a operação é urgente.

(Fernand Braudel, **Escritos sobre a história**)

Cada vez mais a História se faz interdisciplinar. A realidade que pretendemos estudar e entender não está organizada em cubículos como os que formam e separam os diferentes



departamentos dentro da universidade, e a produção do conhecimento tampouco deveria. É por esse motivo que, desde pelo menos a primeira metade do século XX, a disciplina histórica tende a constantemente se repensar e se aproximar de outras áreas das Ciências Humanas. Sabemos, por experiência própria, que essa constatação não funciona exatamente como algo facilitador para aqueles que dão os primeiros passos no terreno da pesquisa em História. Entretanto, caso concordemos que algumas das novas tendências de pesquisa podem representar ganhos significativos para a produção histórica, o bônus se demonstra maior que o ônus.

Pretendemos analisar nesse artigo duas áreas da História que sofreram influências desses fenômenos sobre os quais falamos (reconfiguração e aproximação com outra disciplina): são elas, respectivamente, a História Intelectual e a Antropologia Histórica. A primeira, que hoje vive um momento de profundas incertezas epistemológicas, é alvo de inúmeras discussões sobre quais deveriam ser os objetos em que estaria centrada a sua análise e como deveria abordá-los. A segunda, bem mais nova, é uma decorrência, o que o nome já evidencia, de uma aproximação da História com a Antropologia. O objetivo desse trabalho é apresentar uma proposta de utilização conjunta, podemos dizer assim, dessas duas vertentes. Acreditamos que, ao pensar nas contribuições da História Intelectual e da Antropologia histórica concomitantemente, algumas características de uma podem auxiliar a contornar as fraquezas da outra. Dessa forma, por exemplo, a Antropologia Histórica pode oferecer mecanismos para repensar a tendência elitista da História Intelectual enquanto esta última pode auxiliar na análise diacrônica que, por vezes, é um problema nos estudos antropológicos.

Uma primeira definição de História Intelectual

Afirmamos que a História Intelectual vive um momento de incertezas, como é possível perceber nos apontamentos de Carlos Altamariano. Este autor afirma que hoje a História Intelectual é praticada de muitas maneiras diferentes e não possui, necessariamente, “uma linguagem teórica ou modos de proceder que funcionem como modelos obrigatórios nem para analisar, nem para interpretar seus objetos – nem tampouco para definir [...] a quais objetos conceder primazia”¹. Mas o que, então, causa essas incertezas? Depende de quem responde a pergunta. Para Di Pasquale, por exemplo, essas dificuldades têm origem em algo positivo para a História Intelectual: um “desenvolvimento crescente e dinâmico no campo historiográfico”². Para esse autor, foi o aumento de trabalhos produzidos na área da História Intelectual que acabou

¹ ALTAMARIANO, Carlos. Idéias para um programa de História Intelectual. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, 2007, pp. 9-19, p. 9.

² PASQUALE, Mariano A di. De la historia de las ideas a la nueva historia intelectual: Retrospectivas y perspectivas. Un mapeo de la cuestión. **UNIVERSUM**, n. 26, v. 1, 2011, pp. 79-92, p. 80.



causando transformações em suas categorias e multiplicou seus critérios metodológicos. Ainda sobre essas dificuldades, nos agrada a forma como elas são constatadas por Robert Darnton, quando este afirma que a História Intelectual

Não tem nenhuma *problématique* norteadora. Seus praticantes não compartilham nenhum sentimento de terem temas, métodos e estratégias conceituais em comum. Num dos extremos, eles analisam os sistemas dos filósofos; no outro, examinam os rituais dos iletrados.³

O autor afirma isso para, em seguida, propor uma separação em quatro áreas principais nas quais os estudos de História Intelectual se concentram. Para Darnton, essas áreas são

a história das ideias (o estudo do pensamento sistemático, geralmente em tratados filosóficos), a história intelectual propriamente dita (o estudo do pensamento informal, os climas de opinião e os movimentos literários), a história social das ideias (o estudo das ideologias e da difusão das ideias) e a história cultural (o estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo concepções de mundo e *mentalités* coletivas).⁴

De forma não totalmente livre de problemas e, certamente, não consensual, porém didática, o autor ilustra o que vínhamos falando sobre as incertezas epistemológicas da História Intelectual.

Mas nossa ideia não é cansar o leitor discorrendo apenas sobre o fator incerto dessa modalidade historiográfica. Se pretendemos elaborar uma proposta de abordagem que possua a História Intelectual como parte integrante, é evidente que, a nosso ver, as possibilidades que ela oferece são mais importantes do que as dificuldades. O que torna esse saldo positivo, em nossa opinião: 1) a carga de reflexão que essa área tem acerca da relação Texto/Contexto⁵; 2) o recente rompimento da História Intelectual com alguns postulados que antes caracterizavam essa área, como, por exemplo, o de que há uma relação direta e transparente entre o produtor e o produto intelectual; e 3) as propostas que já foram feitas no sentido de posicionamento dos objetos de pesquisa nas linhas sincrônica e diacrônica, questão na qual enfatizamos a contribuição de Carl Schorske.

Sobre a relação Texto/Contexto: O pesquisador que se propõe a utilizar as ferramentas oferecidas pela História Intelectual assume que o seu interesse é analisar alguma produção ou

³ DARNTON, Robert. História Intelectual e Cultural. Trad. Denise Bottmann. In: _____. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 204-231, p. 219.

⁴ _____. **História Intelectual e Cultural**, p. 219.

⁵ Utilizamos a expressão “Texto/Contexto” por essa ser utilizada mais frequentemente nessa discussão. Mas cabe ressaltar que, na concepção de História Intelectual que assumimos, o objeto a ser analisado não precisa necessariamente ser um texto escrito. Voltaremos a isso mais adiante, mas acreditamos que qualquer produto da intelectualidade de alguém, tal como pinturas, esculturas, objetos arquitetônicos, a arte em geral e qualquer outro objeto onde o historiador acredita poder identificar traços de produção intelectual, são campos bastante interessantes de possibilidades para a História Intelectual, não havendo hierarquia entre o escrito e o não-escrito.



parte de alguma produção intelectual de algum sujeito. Ao nos preocuparmos com a relação Texto/Contexto estamos interessados em saber até que ponto o produto intelectual sofre a influência do meio em que o produtor viveu (o contexto, portanto) e até que ponto esse produto é originário da individualidade intelectual da personagem estudada. O pesquisador deve ter em mente que toda manifestação intelectual pertence, de certa forma, ao seu tempo, carregando, por isso, algumas marcas contextuais. Mas nos parece óbvio que a individualidade também tem sua importância.

Tomás de Aquino, caso não fosse um teólogo dominicano no século XIII, mestre universitário no contexto da Escolástica, que viveu em um momento de “apogeu” da cidade medieval, não teria produzido uma *Suma teológica*. Se por um acaso tivesse, ela não seria da mesma forma que conhecemos hoje. O contexto influenciou fortemente sua obra. O contrário, entretanto, também é verdadeiro. Se outra personagem convivesse nas mesmas relações sociais de Tomás, não produziria a mesma obra que ele, porque boa parte dela decorre de sua individualidade.

Como resolvemos, então, essa questão da relação entre o objeto intelectual e o momento histórico em que foi produzido? Alguns autores nos dão algumas dicas. Altamariano, por exemplo, afirma que

para estabelecer o sentido intelectual dos textos (ou os sentidos, caso se prefira) não basta vinculá-los ao campo da ação ou, como se costuma dizer, a seu contexto. Associá-los ao seu “exterior”, a suas condições pragmáticas, contribui sem dúvida para sua compreensão, mas não evita o trabalho de leitura interna ou da correspondente interpretação [...].⁶

Não deixar de lado uma análise interna do objeto em favorecimento unicamente de uma explicação pelo contexto (análise externa). Esse parece ser o caminho sugerido por este autor.

Di Pasquale também se posiciona nessa discussão. Inicialmente, ele afirma que essa preocupação que tem hoje a História Intelectual em analisar a relação Texto/Contexto é um ganho que se origina na aproximação da História com a Linguística, o chamado *Linguistic Turn*. E com relação a esse tema, ele propõe que essa questão

puede resumirse en una complementariedad entre ambos enfoques analíticos. Es decir, se puede concebir un esquema que muestre la acción de “texto en el contexto”. El estudio de una diversidad de documentos y obras nos puede dar la caracterización de los distintos lenguajes políticos utilizados y también otorgar ciertas nociones de cómo era el campo de producción. Evidentemente

⁶ ALTAMARIANO. *Idéias para um programa*, p. 14.



este juego de acción y reacción no es lineal ni homogéneo sino que se desenvuelve de una forma dinámica, laberíntica, con pliegues y repliegues.⁷

O autor defende uma complementaridade entre as análises interna e externa do objeto. Além disso, para se ter uma ideia do que pode carregar a marca do contexto histórico e o que pode ser produto do individual, sugere um contato com documentos diversos para perceber “como era o campo de produção” e, ele não diz, mas fica evidente, o que do objeto analisado se mostra fora desse campo.

Sobre os postulados com os quais a História Intelectual recentemente rompeu nos baseamos basicamente nas opiniões do historiador francês Roger Chartier, em um conhecido texto intitulado *História intelectual e História das mentalidades*⁸. Dentre as características da História Intelectual que foram sendo revistas ao longo do seu desenvolvimento e de uma maior carga teórica que a área foi possuindo, Chartier destaca três das mais importantes.

Primeiramente, aqueles que praticam a História Intelectual teriam deixado de acreditar que há uma “relação consciente e transparente entre as intenções dos produtores intelectuais e seus produtos”⁹. Esse é um dos temas sobre os quais Roger Chartier mais tratou em sua trajetória acadêmica. O autor defende que a intenção de alguém ao produzir um objeto não será entendida da mesma forma por aqueles que “lerem” o objeto. Assim, por exemplo, o discurso que alguém tentou atribuir a uma lápide cemiterial ou a um vitral de uma igreja pode ser interpretado das mais diversas formas por aqueles que olham esses objetos. O próprio sujeito, ao tentar captar o discurso que essas formas carregam, produzindo inevitavelmente novos significados, estará também agindo como produtor.

O segundo postulado evocado por Chartier se cruza com a questão do Texto/Contexto que trabalhamos acima. O autor afirma que a História Intelectual já deixou de lado a ideia de que uma criação intelectual deve ser atribuída somente à “inventividade individual”, vendo as ideias como algo a-histórico, fora do desenvolvimento histórico¹⁰.

Finalmente, o terceiro postulado seria aquele que busca

⁷ PASQUALE, Mariano A di. *De la historia de las ideas a la nueva historia intelectual*, p. 90.

⁸ Esse texto pode ser encontrado em CHARTIER, R. *À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002; mas também em _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Nesse trabalho, a versão utilizada é a presente no *À Beira da Falésia*. Para uma leitura mais concisa do conceito de História Intelectual para Chartier, cf. _____. “*História Intelectual*”. In: BURGUIÉRE, A. (org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, pp. 446-452.

⁹ _____. *História intelectual e História das mentalidades*. In: _____. *À Beira da Falésia*, p. 29.

¹⁰ _____. *História intelectual e História das mentalidades*, p. 219.



a explicação das concordâncias determinadas entre as diferentes produções intelectuais (ou artísticas) de um tempo, seja pelo jogo dos empréstimos e das influências (outras palavras mestras da história intelectual), seja pela referência a um “espírito da época”, conjunto compósito de traços filosóficos, psicológicos e estéticos.¹¹

Para Chartier, a História Intelectual não explica mais, ou não deveria explicar, os traços em comum entre diferentes objetos intelectuais de uma mesma época através do preguiçoso “espírito da época”, ou *Zeitgeist*. Tentar essa explicação simplista funciona muitas vezes como forma de evitar uma análise mais profunda das produções intelectuais de um mesmo momento histórico, na sincronia.

As linhas de análise sincrônica e diacrônica: esse é um dos traços pelo qual, mais adiante no texto, defenderemos que a História Intelectual e a Antropologia Histórica podem dialogar. No ímpeto de buscar uma definição mais didática para a História Intelectual fomos atrás de uma referência encontrada no texto de Roger Chartier supracitado. A referência era a um livro de Carl Schorske, intitulado *Fin-de-siècle Vienn: Politics and Culture*, no qual este propõe uma definição que consideramos bastante interessante sobre o que o historiador deve constantemente buscar. Acreditamos que essa definição sirva enormemente para aqueles que praticam a História Intelectual. Carl Schorske afirma que

The historian seeks to locate and interpret the artifact temporally in a field where two lines intersect. One line is vertical, or diachronic, by which he establishes the relation of a text or a system of thought to previous expression in the same branch of cultural activity (paintings, politics, etc.). The other is horizontal, or synchronic; by it he assesses the relation of the content of the intellectual object to what is appearing in other branches or aspects of a culture at the same time.¹²

Trata-se de uma forma interessante de posicionar o objeto a ser analisado. Podemos entender isso como a proposta de imaginarmos graficamente um “T”, no qual a linha vertical é a da diacronia e a horizontal é a da sincronia. No ponto de encontro entre as duas linhas está localizado o objeto que queremos analisar, seja ele a *Suma Teológica* ou um desenho camponês. Na diacronia, o pesquisador tenta relacionar a criação intelectual que é o centro da sua análise a outras do mesmo ramo de atividade que a precederam. Na sincronia, devemos relacionar nosso objeto a outros produzidos no mesmo momento histórico, porém em outros ramos de atividade

¹¹ CHARTIER. *História intelectual e história das mentalidades*, p. 219.

¹² SCHORSKE, Carl. *Fin-de-siècle Vienna. Politics and Culture*. New York: Cambridge University Press, 1979, pp. 21-22. O historiador procura localizar e interpretar o artefato temporal no campo onde duas linhas se cruzam. Uma linha é vertical, ou diacrônica, pela qual ela estabelece a relação de um texto ou sistema de pensamento com a expressão anterior no mesmo ramo da atividade cultural (pinturas, política, etc). A outra é horizontal, ou sincrônica; por ela ele avalia a relação do conteúdo do objeto intelectual com o que está aparecendo em outros ramos ou aspectos de uma cultura ao mesmo tempo. Traduzido pelos editores.



cultural¹³. Parece ser uma definição suficientemente simples para aqueles que começam suas atividades na linha da História Intelectual, e não demasiadamente simplista para aqueles cujos estudos estão mais avançados.

É importante deixar claro aqui que essas concepções que evocamos não serão encontradas em todos os livros de História Intelectual. Alguns permanecem com visões que consideramos, particularmente, atrasadas acerca desse modelo historiográfico. É o caso, para citar apenas um exemplo, de Jacques Paul. Em seu livro *Historia Intelectual del Occidente Medieval*, o autor deixa transparecer uma concepção de História que, além de fraca por deixar de lado aspectos bastante importantes das produções intelectuais, mostra-se elitista na seleção de objetos considerados mais importantes.

O primeiro aspecto que nos incomoda na concepção desse historiador é a evidente colocação do contexto histórico em segundo plano, para favorecer uma leitura interna da obra. Ele afirma que uma preocupação daqueles que fazem História Intelectual tem que ser entender o sentido de “obras mais acabadas”, bem como determinada escola de pensamento. Segundo Jacques Paul, torna-se “evidente que se tem que tomá-las em consideração por si mesmas”¹⁴. Considerar as obras “por si mesmas” sem prestar atenção nos momentos de produção é o mesmo que afirmar, pelo menos é esse o nosso entendimento, que as ideias flutuam em um patamar superior, a-histórico, que não pertencem à mesma realidade dos atores que as elaboram. Opinião certamente complicada.

Continuando a discorrer sobre sua opinião acerca das relações entre “grandes obras” e a História Intelectual, Jacques Paul afirma que “o principal domínio da história intelectual é o das obras capitais, as que sobrevivem, pois tratam de problemas humanos gerais que reclamam a atenção durante gerações”¹⁵. Ora, dificilmente encontraríamos melhores exemplos do perigo de entender as criações intelectuais que analisamos apenas como algo da genialidade individual e sem vinculação com o chão da história. Torna-se difícil perceber, se ignoramos as condições sócio-históricas concretas, que uma obra não sobrevive gerações apenas porque trata de problemas mais sérios e/ou representa de forma “mais acabada” as visões de mundo de determinada sociedade. A visão do pesquisador não consegue alcançar a percepção de que uma obra elaborada por Tomás de Aquino, na Universidade de Paris, logo, muitas vezes copiada e lida tanto por seus

¹³ Parece-nos que a análise sincrônica de objetos do mesmo ramo também é possível e pode gerar resultados interessantes, por mais que essa opção não apareça nas linhas escritas por Carl Schorske.

¹⁴ PAUL, Jacques. **Historia intelectual del occidente medieval**. Madrid: Cátedra, 2003, p. 62.

¹⁵ _____. **Historia intelectual del occidente medieval**, p. 67.



alunos quanto pelos companheiros dominicanos, entre tantas outras pessoas, e armazenada em bibliotecas, não depende apenas da genialidade individual do seu produtor. E as criações intelectuais de um aprendiz de artesão ou de um camponês mais simples? Digamos que esse camponês desenhe com frequência ou, por um acaso, escreva – cartas, notas, bilhetes, o que for. As chances de sua criação ser passada para as outras gerações são as mesmas dos escritos de Tomás de Aquino? Certamente não. E isso significa que a obra de Tomás de Aquino representa melhor uma visão de mundo? Ou, quem sabe, nós acabamos nos acostumando mais a “ler” visões de mundo nas obras “mais acabadas”, o que prejudica nossa interpretação das produções dos que não ocupam posições que garantam o armazenamento de suas criações? Outra questão: existe hierarquia de qualidade entre visões de mundo?¹⁶

O que queremos afirmar com tudo isso é que a História Intelectual ainda guarda seus perigos. Ao adotar essa abordagem temos que ser cautelosos. E é também nesse ponto que acreditamos que a mudança de olhar proporcionado por um contato mais próximo com a Antropologia pode nos auxiliar.

Uma tentativa de definição da Antropologia Histórica

Tentar traçar uma definição fechada de Antropologia Histórica seria ir contra aquilo que ela mais representa hoje. Essa área da História tem por característica abrir possibilidades. Tentar delimitar isso não seria o mais adequado. O que se pode fazer, em vez disso, é entender quais são algumas das definições que já foram feitas, tentar visualizar alguns aspectos positivos que fazem com que valha a pena utilizá-la, assim como alguns cuidados que devem ser tomados.

A relação da História com a Antropologia já possui umas boas décadas de existência. Em verdade, a proximidade que vemos hoje decorre de uma reaproximação, tendo em vista que as duas disciplinas só se separaram no século XIX¹⁷. As origens dessa reaproximação são muitas vezes atribuídas aos historiadores dos *Annales* e, mais especificamente, ao debate ocorrido entre Claude Lévi-Strauss e Fernand Braudel¹⁸. Lévi-Strauss, considerado pai da Antropologia

¹⁶ Como indicação de um interessante texto sobre a necessidade de problematizar as relações sociais de poder que possibilitam a permanência de determinadas obras para a posteridade e favorecem que, por outro lado, outros vestígios se percam, podemos citar: LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. In: _____. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, pp. 525-541.

¹⁷ Cf. LE GOFF, Jacques. **O historiador e o homem cotidiano**. In: _____. Para uma outra Idade Média: Tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Trad. Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, pp. 425-440, p. 425, e BURGUIÈRE, André. A Antropologia Histórica. In: NOVAIS, F. & SILVA, R. (orgs.). **Nova História em perspectiva**. V. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, pp. 297-328, p. 297. Esse texto de autoria de André Burguière, considerado um dos clássicos sobre Antropologia histórica, pode ser encontrado também em LE GOFF, J. (org.). **A História Nova**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹⁸ No intuito de destacar aspectos originais da aproximação entre História e Antropologia, cabe destacar o papel desempenhado pela obra *Os Reis Taumaturgos*, de autoria de Marc Bloch, lançado originalmente na década de 20 do



Estrutural, escreveu um texto intitulado *História e etnologia*, discorrendo sobre o que aproximaria e o que distanciaria as duas disciplinas¹⁹. Nas questões levantadas pelo antropólogo, transparecia que a concepção de História que ele adotava já não era mais consenso entre os historiadores. A ideia de História que Lévi-Strauss demonstrava possuir era aquela que se atém à análise do acontecimento no sentido positivista do termo, dos conflitos, do tempo rápido, além de separar as disciplinas entre a que estuda o inconsciente (etnologia) e a que estuda o consciente (História) das sociedades²⁰. Fato é que naquele momento muitos historiadores rompiam com essa concepção e, ao que tudo indica, foi por isso que Fernand Braudel escreveu, logo em seguida à publicação do texto de Lévi-Strauss, o seu famoso artigo *História e ciências sociais: a longa duração*²¹, para demonstrar como os historiadores já estavam atentos aos fenômenos que funcionam numa temporalidade mais lenta, não do acontecimento²².

Mas o que, afinal, motivou os historiadores a buscarem a análise de fenômenos mais lentos e estudos sobre sociedades que não estudavam tradicionalmente? O que motivou esse novo interesse pela Antropologia? Alguns autores já tentaram explicar essa motivação. Por exemplo: André Burguière acredita que muito do interesse pela Antropologia entre os historiadores deriva de um questionamento das noções de desenvolvimento e de progresso na

século passado. Cf. BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**. O caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra. Trad. Julia Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **História e etnologia**. In: _____. Antropologia estrutural. V. 1. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008, pp. 13-40.

²⁰ LÉVI-STRAUSS. **História e etnologia**, p. 32.

²¹ Pode ser encontrado em BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. Trad. Tereza Cristina Silveira. São Paulo: Perspectiva, 2013.

²² Cf. BARRETO, Bruno de Souza. Historiografia e interfaces: um diálogo entre história, antropologia e arqueologia. **Revista de Teoria da História**, ano 5, n. 9, 2013, pp. 247-279, p. 267. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/teoria/article/view/29088/16181>. Consultado em: 12 de fevereiro de 2015. Há algumas divergências acerca desse debate. Alguns autores, como o supracitado Bruno de Souza Barreto e Lília Moritz Schwarcz, entendem que o texto de Claude Lévi-Strauss queria mostrar uma suposta incompatibilidade entre a Antropologia e a História, querendo inclusive, posicionar a História como área no máximo auxiliar da Antropologia (ver SCHWARCZ, Lília Moritz. Jogando com o tempo: Reflexões sobre história medieval e antropologia estrutural. **Signum**. São Paulo, n. 6, 2004, pp. 185-207). Não é esse, entretanto, o nosso entendimento. Ora, ao analisar as potencialidades oferecidas pelo relacionamento de duas disciplinas, é evidente que assumimos aquela na qual atuamos como principal e entendemos a outra, com a qual pretendemos nos relacionar, como auxiliar. Não se trata, em nosso ver, de um desmerecimento para com a outra área. Um historiador, ao pretender se apropriar de conceitos da Geografia para sua atividade de pesquisa, por exemplo, dificilmente enxergará a História como a auxiliar nessa relação. Afora isso, o texto de Lévi-Strauss, apesar da visão já batida de História naquele momento, reprende veementemente antropólogos que acreditam poder analisar determinada sociedade sem a utilização da História. Dentre as muitas passagens nesse sentido, destacamos uma: “Quando [...] limitamo-nos ao instante presente da vida de uma sociedade, somos, para começar, vítimas de uma ilusão, pois tudo é história: o que foi dito ontem é história, o que foi dito há um minuto é história. Principalmente, condenamo-nos a não conhecer o presente, pois só o desenvolvimento histórico permite avaliar, em si e em suas relações recíprocas, os elementos do presente. E muito pouca história [...] é melhor do que história nenhuma.” LÉVI-STRAUSS, Claude. *História e etnologia*, p. 26.



sociedade de hoje²³. Mary Del Priore afirmou certa vez que a aceleração da história acabou fazendo com que os historiadores se interessassem pelo que permanece, se mantém estável e se repete; daí o interesse pela Antropologia²⁴.

O historiador Peter Burke, por sua vez, atribui esse interesse a três fatores: a perda de fé no progresso, tal qual Burguière, a ascensão do anticolonialismo e do feminismo²⁵. A crise do mito do progresso – aparentemente a motivação mais recorrente – está presente também nos escritos de Charles Oliver Carbonell, além da crise do eurocentrismo, em muito causada pela Segunda Guerra Mundial e pela descolonização²⁶.

Motivos à parte, fato é que muitos acreditam que essa aproximação está consolidada, tanto historiadores quanto antropólogos. O próprio Carbonell, apesar da preocupação que demonstra com o fato de a Antropologia Histórica modificar algumas questões importantes defendidas anteriormente pelos *Annales*, reconhece o triunfo dessa área²⁷. Clifford Geertz, um dos antropólogos com os quais os historiadores mais estabeleceram relações, se apropriando muitas vezes de seu conceito de cultura e da sua teoria da descrição densa, rebate acusações de que essa aproximação entre as duas disciplinas se trataria de um modismo. “Sobreviverá”, afirma, “ao entusiasmo que gera, aos medos que desperta e às confusões que cria”²⁸. O diagnóstico da situação oferecido por Marshall Sahlins resume satisfatoriamente a opinião de grande parte dos teóricos acerca das diferenças entre as duas áreas e o que isso representa na tentativa de aproximá-las. Na opinião de Sahlins,

A prática, obviamente, já foi além das diferenças teóricas que supostamente separam a antropologia e a história. Os antropólogos elevam-se da estrutura abstrata para a explicação do evento concreto. Historiadores desvalorizam o evento único em favor das recorrentes estruturas subjacentes. E também paradoxalmente, os antropólogos têm sido tão diacrônicos em pontos de vista quanto os historiadores têm sido sincrônicos.²⁹

²³ BURGUIÈRE, André. A Antropologia Histórica, p. 328.

²⁴ DEL PRIORE, Mary. A Antropologia histórica e a historiografia atual. *Ci. & Trop.*, Recife, v. 27, n. 1, 1999, pp. 71-85, p. 85.

²⁵ BURKE, Peter. **A vez da Antropologia histórica**. In: _____. O que é História Cultural?. Trad. Sérgio Góis de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, pp. 44-67, p. 60.

²⁶ CARBONELL, Charles-Oliver. Antropologia, etnologia e história: a terceira geração na França. In: NOVAIS, F. & SILVA, R. (orgs.). **Nova História em perspectiva**. V. 2. São Paulo: Cosac Naify, 2011, pp. 280-290, p. 286.

²⁷ LÉVI-STRAUSS, **Antropologia, etnologia e história**, p. 286.

²⁸ GEERTZ, Clifford. A situação atual. In: _____. **Nova luz sobre a antropologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, pp. 86-130, p. 123.

²⁹ SAHLINS, Marshall. Outras épocas, outros costumes: a antropologia da história. In: _____. **Ilhas de História**. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, pp. 59-99, p. 98.



Essa passagem nos serve para colocar alguns questionamentos. Quais são essas diferenças que foram, na visão de Sahlins, superadas?³⁰ O que o olhar antropológico traz de positivo para a História, para fazer com que historiadores se esforcem para vencer as divergências?

Para falar sobre as diferenças que tiveram de ser vencidas para concretizar a aproximação da História com a Antropologia, assim como para falar dos pontos positivos dessa relação, certamente teremos que selecionar dentre uma gama de possibilidades algumas que ilustram melhor nosso ponto de vista. Assim sendo, acreditamos que uma das primeiras diferenciações que tiveram de ser vencidas trata dos tipos de documentos que, supostamente, seriam objeto das duas áreas. Grosso modo, a separação tradicional afirmava que os historiadores se preocupavam em pesquisar a realidade histórica a partir de documentos escritos, enquanto os antropólogos elaboravam suas teorias partindo do pressuposto que as sociedades que queriam analisar não necessariamente produziram esse tipo de documento³¹. Hoje se sabe que cada vez mais os historiadores se preparam para lidar com a análise de documentos não escritos, através da análise gestual, oral, da arquitetura, iconologia, dentre outras formas de aproximação com o passado³². Muitos estudiosos atualmente defendem ainda a complementaridade dos dois tipos de fontes, a tradicionalmente chamada antropológica e a escrita, para o andamento da pesquisa³³. Cada vez mais os historiadores fazem uso, em uma mesma pesquisa, de tipos de fontes diversas, enriquecendo a visão da dinâmica sociocultural.

Essa ideia de que a História estuda um tipo de documentos e a Antropologia estuda outro tem forte vinculação com mais uma separação tradicional dos campos histórico e antropológico: a visão de que haveria sociedades a serem estudadas pela Antropologia e sociedades diferentes a serem estudadas pela História. Maria Celestino de Almeida afirma que estavam ligados ao dualismo antropologia-história alguns outros como sociedades tradicionais e sociedades modernas, povos sem história e povos com história, sociedades frias e sociedades quentes³⁴. É por isso que alguns historiadores acreditam que a queda do colonialismo, juntamente com o

³⁰ Também não é consensual essa ideia de a História e a Antropologia terem superado suas principais diferenças. Carbonell, inclusive, vê no fato de não terem superado divergências muito importantes um motivo para historiadores se tranquilizarem quanto à teoria de que uma História antropológica faria a disciplina perder sua essência. Cf. _____, **Antropologia, etnologia e história**, pp. 289-290.

³¹ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. História e antropologia. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 151-168, p. 152.

³² Cf., por exemplo, LE GOFF, Jacques. O historiador e o homem cotidiano, pp. 436-437.

³³ Para um exemplo dessa defesa, cf. SANTOS, Irineia M. Franco dos. História e Antropologia: Relações Teórico-Metodológicas, Debates sobre os Objetos e os Usos das Fontes de Pesquisa. **Revista Crítica Histórica**, ano 1, n. 1, 2010, pp. 192-208, p. 205. Disponível em: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/55/Historia%20e%20Antropologia.pdf>. Consultado em: 11 de fevereiro de 2015.

³⁴ ALMEIDA. **História e antropologia**, p. 152.



esforço de crítica direcionada ao etnocentrismo, favoreceram a aproximação da História com a Antropologia. Além disso, o aumento do número de antropólogos interessados nos processos históricos de sociedades antes chamadas de modernas, e o interesse por parte de historiadores em algumas continuidades e em sociedades antes consideradas primitivas, facilitaram que essas dicotomias mais grosseiras fossem caindo por terra.

Para finalizar o espaço destinado no texto para falar das diferenças que estão sendo vencidas, cabe ressaltar uma que ainda causa divergências de análise: a ideia de que a Antropologia se preocupa com a sincronia e a História com a diacronia. É a opinião, por exemplo, de Irineia dos Santos. A autora afirma, após elaborar um quadro das escolas interpretativas da Antropologia, que as divergências no que se refere à sincronia e à diacronia são ainda as maiores entre a História e a Antropologia. Talvez mesmo entre as Ciências Sociais de forma geral e a História.³⁵ Na leitura de Eliana Magnani, os historiadores já levam cada vez mais em conta a importância da sincronia, mas isso não significa que tenham conseguido romper com algumas concepções intrínsecas, o que acaba por manter a História e a Antropologia separadas³⁶. Lilia Moritz Schwarcz levanta essa questão de forma pertinente, relacionando as divergências com relação à mediação entre sincronia e diacronia às tradicionais separações entre estrutura e história, ou de um tempo que tende a não mudar e outro que serve como palco para alterações constantes. Para essa autora, o desafio que deve ser enfrentado, tanto pelos historiadores quanto pelos antropólogos – ao menos por aqueles que acreditam tirar algo de positivo do relacionamento entre as duas áreas – é o de deixar de lado esses modelos que se posicionem em tão mecânica oposição no que se refere à relação entre estrutura e história. É dessa forma, ela defende, que poderemos perceber aquilo que permanece na sociedade, porém com ressignificações – portanto, alterações³⁷. Não se trata de uma tarefa fácil, abrir mão de concepções tão fortemente enraizadas em algumas áreas das nossas disciplinas. Mas esse talvez seja um dos lados positivos de não se vincular estritamente e acriticamente a alguma corrente historiográfica ou antropológica: poder fazer com que pontos fortes de diversas áreas dialoguem, contanto que não sejam conflitantes – ou que saibamos contornar esses conflitos.

Tentemos entender o motivo pelo qual alguns historiadores consideram que os esforços para vencer as barreiras que separam as duas disciplinas valem a pena. Primeiramente, é interessante perceber a opinião de Natalie Zemon Davis sobre o assunto. Segundo a autora,

³⁵ SANTOS., **Franco dos. História e Antropologia**, p. 206.

³⁶ MAGNANI, Eliana. O dom entre História e Antropologia. Figuras medievais do doador. **Signum**, n. 5, 2003, pp. 169-193, p. 172.

³⁷ SCHWARCZ. **Jogando com o tempo**, pp. 204-205.



quatro são as características que fazem os estudos antropológicos serem úteis aos historiadores. A primeira característica que levanta é referente ao fato de a Antropologia já ter elaborado métodos de observação precisas para a análise de “processos vivos de interação social”³⁸. O segundo ponto que a autora aborda é sobre os métodos que ela considera interessantes para a interpretação do comportamento simbólico³⁹. Outro aspecto importante está presente nas “sugestões sobre como as diferentes partes de um sistema social se ajustam umas às outras”⁴⁰. Por fim, a quarta característica apontada como positiva por Natalie Zemon Davis diz respeito ao material que a Antropologia disponibiliza sobre culturas outras que os historiadores não estão acostumados a estudar.⁴¹

Esses pontos levantados pela autora se relacionam com (ou proporcionam) algumas alterações interessantes para o historiador. Já falamos rapidamente de uma dessas mudanças: a atenção a novas temporalidades, ou seja, em um tempo mais lento, não naquele ditado pelos acontecimentos rápidos e conflitos de momento. Para Jacques Le Goff, um dos historiadores que mais se serviu das formulações antropológicas para o estudo histórico⁴², “a etnologia modifica perspectivas cronológicas da história. Conduz a uma rejeição do acontecimento”, completa o autor, “realizando o ideal de uma história não factual”⁴³. Essa mudança nas perspectivas cronológicas da História faz com que prestemos mais atenção àquilo que se repete, ou aquilo que é esperado⁴⁴. Busca, de certa forma, tirar conclusões a partir daquilo que já está interiorizado nos sujeitos.

Ao prestar atenção nessa temporalidade diferente, o historiador tende a se relacionar com temáticas que antes não percebia, ou não considerava importantes. Tentando evitar elaborar uma listagem enfadonha, mas correndo ainda assim esse risco, vejamos algumas temáticas que autores consideram terem entrado no arcabouço da História a partir do momento que ela se relacionou

³⁸ DAVIS, Natalie Zemon. Antropologia e história nos anos 1980. In: NOVAIS, F. & SILVA, R. (orgs.). **Nova História em perspectiva**, pp. 330-331.

³⁹ Robert Darnton entende esse como um dos pontos mais fortes da relação entre História e Antropologia. É, pelo menos, o que nos parece a partir da leitura de DARNTON, Robert. História e Antropologia. In: _____. **O beijo de Lamourette**, pp. 338-362. Ele entende como um ganho para os historiadores a aproximação com a forma como os etnógrafos trabalham com a troca simbólica, tendo em vista que eles utilizam noções que partem do pressuposto de que os símbolos transmitem diversos sentidos, e que esses sentidos são interpretados de forma variada conforme o sujeito que o interpreta.

⁴⁰ DAVIS. **Antropologia e história nos anos 1980**, p. 331.

⁴¹ _____. **Antropologia e história nos anos 1980**, p. 331.

⁴² Para uma visão geral das contribuições de Jacques Le Goff para a historiografia e, dentro disso, para a relação entre a História e a Antropologia, ver BARROS, José D’Assunção. Jacques Le Goff – considerações sobre contribuição para a teoria da história. **Cadernos de História**, v. 14, n. 21, 2013, pp. 135-156.

⁴³ LE GOFF. **O historiador e o homem cotidiano**, p. 428.

⁴⁴ _____. **O historiador e o homem cotidiano**, p. 428.



com a Antropologia. Começamos com o já citado Jacques Le Goff. Em *O historiador e o homem cotidiano*, dentre os novos temas hoje estudados, o autor elenca as festas do calendário religioso; acontecimentos e cerimônias ligados à história biológica e familiar, como nascimento, casamento e morte; liturgia; o mágico-religioso; os ritos; o mundo rural; o homem cotidiano; estruturas de parentesco; os sexos; crenças escatológicas; o corpo; vestimentas; gestos; a cultura popular⁴⁵. Temas, todos esses, em algum momento, já trabalhados pelo próprio historiador francês.

Dentre os campos que mais foram influenciados pelo estreitamento das relações histórico-antropológicas, André Burguière destaca a História da Alimentação; a História do Corpo, área onde estaria localizada também a História das Enfermidades; História dos Comportamentos Sexuais; e História da Célula Familiar. Burguière também salienta que a Antropologia ganhou a História por baixo: pelas crenças populares, os ritos, culturas das minorias, tudo o que tradicionalmente era designado como folclore.⁴⁶

Na opinião de Marco Aime, em diálogo com Cristina La Rocca, há dois temas que merecem destaque no que se refere às relações entre Antropologia Cultural e História e o estudo da Idade Média: o dom e as etnias⁴⁷. A questão do dom no período que denominamos medieval é bastante trabalhada a partir da visão antropológica de Marcel Mauss. Parece-nos que a questão étnica, para os historiadores cujo foco é o baixo medieval, é menos recorrente do que para aqueles que, como Marco Aime, analisam as relações e encontros entre culturas na Alta Idade Média, muito disso por causa das já tradicionalmente estudadas migrações de diversos povos em direção ao território que anteriormente configurava a parte ocidental do Império Romano. Os conflitos e encontros entre etnias diversas para o período da Baixa Idade Média talvez sejam melhores percebidos apenas nos estudos sobre as Cruzadas.

Natalie Zemon Davis, em texto que já citamos, acredita que os primeiros beneficiados pelos ganhos decorrentes da Antropologia histórica foram os estudos sobre o medo e os processos contra as bruxas. Muito disso, segundo a autora, porque os historiadores foram aprendendo com os antropólogos a não rotular os fenômenos que não compreendem como “irracional ou supersticiosos”. Os antropólogos, afirma Natalie Davis, há tempos já buscavam

⁴⁵ _____, *O historiador e o homem cotidiano*, pp. 429-437.

⁴⁶ BURGUIÈRE, A. *Antropologia Histórica*, pp. 306-325.

⁴⁷ AIME, Marco; LA ROCCA, Cristina. Antropologia culturale. Due temi antropologici e storici: dono, etnicità. In: VARANINI, Gian Maria. *Intorno alla storia medievale: Archeologia medievale, storia dell'arte medievale, antropologia culturale. Reti Medievali Rivista*, n. 12, v. 2, 2011, pp. 43-60.



por trás desses comportamentos/crenças relações mais complexas do que o rótulo de “irracional”⁴⁸.

Esses foram apenas alguns exemplos de temas que são cada vez mais frequentemente estudados. Acreditamos que é possível, a partir desse rápido levantamento, perceber que as influências da Antropologia na História não foram poucas. Se hoje, como é o nosso caso, pesquisamos concepções de morte na Idade Média e crenças no mundo do além; e se acreditamos que a partir disso podemos tirar conclusões importantes e pertinentes sobre aquela sociedade, provavelmente devemos algo ao novo olhar que a proximidade entre as duas áreas auxiliou a forjar nos historiadores.

É sobre esse novo olhar que queremos falar para finalizar os aspectos positivos da Antropologia histórica. Ele se relaciona, certamente, com o conceito de Alteridade, muito falado, mas de difícil (porém necessária) aplicação prática. No nosso entendimento, esse é o principal ganho dessa aproximação entre as duas disciplinas. O próprio Claude Lévi-Strauss já havia afirmado que um dos aspectos que a História e a Etnologia possuíam em comum era a característica de lidar com o diferente. É nesse sentido que ele afirma que

Ambas estudam sociedades que são *outras* em relação àquela em que vivemos. O fato de tal alteridade estar ligada a um afastamento no tempo (por menor que seja) ou no espaço, ou mesmo a uma heterogeneidade cultural, é secundário, diante da similitude das posições.⁴⁹

Lidar com o outro, com o diferente, seja essa diferença causada pela distância espacial ou pela distância no tempo: seria essa uma ponte que ligaria Antropologia e História. Clifford Geertz segue essa mesma linha de raciocínio. Para ele, “lidar com um mundo noutra lugar dá mais ou menos na mesma quando esse outro lugar fica há muito tempo ou muito longe daqui”⁵⁰. O autor apenas ressalta - o que parece evidente, mas cabe lembrar - que não existe uma equivalência entre a distância cultural para o lado (geográfica) e para trás (cronológica)⁵¹.

Interessantes, nesse sentido, são as reflexões de Marcos Felipe Vicente. Para ele, que coloca a questão da Alteridade como “fundamental” ao se pensar essa relação entre a História e a Antropologia, o aumento da preocupação dos historiadores com relação a essa forma de olhar o outro tem forte vínculo com o interesse de entender como esse outro interpretava e representava sua realidade⁵².

⁴⁸ DAVIS. **Antropologia e história nos anos 1980**, pp. 331-332.

⁴⁹ LÉVI-STRAUSS. **História e etnologia**, p. 30.

⁵⁰ GEERTZ, Clifford. **A situação atual.**, p. 113.

⁵¹ _____. **A situação atual.**, p. 113.

⁵² VICENTE, Marcos Felipe. História e Antropologia: possíveis diálogos. **AEDOS**, n. 5, v. 2, 2009, pp. 26-43, p. 31.



Perceber a própria posição enquanto “analista” e que essa posição pode influenciar na forma como entendemos o outro: essa é a ideia fundamental da Alteridade. Tentar, sabendo da impossibilidade, se colocar no lugar daquele que estudamos e entender como ele via a realidade a sua volta, evitando o máximo possível que a nossa concepção de realidade atrapalhe essa tarefa. Emblemática e exemplificadora é uma passagem inicial d’*A escrita da história*, de Michel de Certeau, quando o autor afirma:

Esta análise será, evidentemente, determinada pela prática bastante localizada da qual pude lançar mão quer dizer, pela localização do meu trabalho – ao mesmo tempo um período (a história dita “moderna”), um objeto (a história religiosa) e um lugar (a situação francesa). Este limite é capital. A evidênciação da *particularidade* deste lugar de onde falo, efetivamente prende-se ao assunto de que se vai tratar e ao ponto de vista através do qual me proponho examiná-lo.⁵³

Saber posicionar-se e compreender a posição do objeto a ser analisado, eis a chave. Interessante iniciativa de Michel de Certeau ao fazer isso no início do seu livro. Essa prática torna-se cada vez mais frequente entre os historiadores. Isso auxilia na observação daquilo que analisamos e demonstra sinceridade para com o leitor, o que parece positivo.

Acreditamos que tenha ficado claro que o maior ganho que enxergamos nesse relacionamento entre História e Antropologia foi o fato de isso proporcionar uma mudança no olhar do historiador. Tornamo-nos mais sensíveis a aspectos que antes passavam despercebidos. Essa é, mais ou menos, a opinião de E. P. Thompson acerca desse relacionamento. Ou pelo menos é o que Marcos Felipe Vicente afirma quando diz que “para Thompson, a sua contribuição [da Antropologia] não reside no modelo, mas principalmente sobre um novo olhar que se lança sobre velhos objetos”⁵⁴.

Oferecer uma definição final e sintética de Antropologia histórica é praticamente impossível. Autores diferentes tendem a entendê-la de forma diferente. Significa que pode acontecer de o conceito de Antropologia histórica ser, para Carlo Ginzburg, a ciência do vivido, para Jacques Le Goff, o estudo do homem cotidiano, para André Burguière, o estudo dos costumes⁵⁵. Falaremos sobre esse último autor citado por Carbonell, na impossibilidade de trabalhar o conceito para as mais diversas opiniões, por ser este, parece-nos, o conceito mais aceito atualmente.

⁵³ CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, pp. 30-31. (Grifo original)

⁵⁴ VICENTE. **História e Antropologia**, p. 33.

⁵⁵ CARBONELL. **Antropologia, etnologia e história** p. 280.



Burguière defende que tentar definir a Antropologia histórica pelo domínio que abarca é uma tarefa contraproducente. Tampouco parece válido, para esse autor, defini-la a partir das fontes que utiliza. Na sua visão, essa vertente não tem um domínio característico. O mais válido é definir essa área como “uma história dos hábitos: hábitos físicos, gestuais, alimentares, afetivos, hábitos mentais”⁵⁶. Basicamente, trata-se de uma área que busca entender aspectos que, de tão automáticos na vida cotidiana dos sujeitos analisados, não chegam a ter influência de pesadas reflexões. A busca é por aquilo que foi interiorizado pelo grupo. Ou, de forma mais sintética, na elaboração do próprio Burguière, mas em outro trabalho:

Uma história dos *comportamentos* e dos *hábitos* – o que no século XVIII se chamava uma história dos *costumes* – é por acaso, em sua imprecisão, a expressão que melhor convém para designar o campo coberto pela antropologia histórica. Uma história dos hábitos para opor-se à história do acontecimento, do que não se produz mais que uma vez. Pelo contrário, é a história do que nunca constitui um acontecimento: gestos, ritos e pensamentos indefinidamente repetidos. Mas também uma história dos comportamentos para opor-se a uma história das instituições da mesma forma que à história das decisões.⁵⁷

A definição oferecida é, a nosso ver, suficientemente delimitada para evitar que qualquer estudo seja considerado parte integrante e suficientemente aberta para proporcionar liberdades para o historiador. Sem falar, evidentemente, que um trabalho não precisa estar totalmente sob os parâmetros dessa única vertente. Na nossa concepção, e é o que tentamos fazer na nossa prática de pesquisa, relacionar acontecimentos e a história dos hábitos e comportamentos, ou seja, perceber as vinculações entre o tempo rápido e o tempo lento, é uma característica enriquecedora.

As possibilidades de diálogo entre História Intelectual e Antropologia histórica

Já ficaram pistas ao longo do texto que indicam em quais pontos centramos nossa ideia de aproximar a História Intelectual e a Antropologia Histórica para abordar nossos objetos de estudo. Discorremos de forma mais extensa nos itens anteriores, por acreditar que o mais importante era deixar que transparecesse tanto nossa concepção de uma área quanto de outra. Em todo caso, isso possibilita que essa parte final seja mais concisa do que o restante do nosso trabalho. Primeiramente, cabe ressaltar que a aproximação entre História Intelectual e Antropologia já ocorre de forma relativamente concretizada em uma vertente ainda não muito praticada pelos historiadores brasileiros: a Antropologia Escolástica. Tendo como o principal representante o francês Alain Boureau, essa vertente busca nas discussões ocorridas no seio da

⁵⁶ BURGUIÈRE. **A Antropologia Histórica**, pp. 303-306.

⁵⁷ _____. **Antropologia Histórica**, p. 43.



universidade medieval, principalmente entre os anos de 1150 e 1350 (período em que o meio universitário estava sob forte influência da Escolástica), concepções e discussões sobre o homem⁵⁸. Entretanto, a Antropologia escolástica possui algumas delimitações: temáticas, digamos assim, por se preocupar basicamente com as concepções de homem; cronológicas, por centrar-se entre os séculos XII e XIV; além de limitar o meio social com o qual a análise deve se preocupar, o âmbito universitário. Acreditamos que se nos contentarmos com a aproximação entre a História Intelectual e a Antropologia Histórica abrimos mais possibilidades temáticas e mantemos a opção de que a análise seja das discussões universitárias, mas também a partir de documentações produzidas em outras esferas da sociedade.

O primeiro ponto em que acreditamos que essa relação pode se demonstrar profícua é aquele da dificuldade da Antropologia analisar a diacronia e da História atentar para a sincronia, cujos diagnósticos nesse sentido citamos alguns anteriormente. Ora, essa dificuldade da Antropologia Histórica pode ser bem mais facilmente vencida caso assumamos as concepções de linha horizontal e vertical, como proposto por Carl Schorske para o âmbito da História Intelectual. O leitor vai lembrar que Schorske propõe que posicionemos o nosso objeto analisado (uma produção intelectual de qualquer tipo, na nossa concepção) nas linhas que representam a diacronia (vertical) e a sincronia (horizontal). A partir disso poderíamos relacionar com outras produções que vieram antes, mas também no mesmo recorte temporal do objeto que é o centro da análise. Somando-se a isso as discussões que levantamos acerca da relação Texto/Contexto, e o equilíbrio que defendemos entre a análise interna da documentação e do contexto sócio-histórico concreto em que as produções foram elaboradas, acreditamos ter uma chave valiosa para analisar tanto o que apresentou mutações durante o tempo quanto as permanências.

Próximo aspecto positivo na relação que propomos: o pesquisador, por exemplo, o medievalista, principalmente aquele que recém inicia sua experiência na área, rapidamente percebe que a abundância de opções de documentação não será uma realidade no seu dia-a-dia. Das barreiras linguísticas – não está entre as coisas mais recorrentes alguém chegar na universidade lendo em latim ou em vernáculos como o *langue d'oïl* -, passando pela baixa taxa de permanência de objetos produzidos pelas classes desprivilegiadas, podem ser várias as causas das dificuldades de selecionar documentos. Isso acaba fazendo com que trabalhemos, muito frequentemente, com documentação escrita por setores socialmente pertencentes à elite e,

⁵⁸ Para uma introdução ao tema, direcionamos o leitor ao texto TEIXEIRA, Igor Salomão. Antropologia histórica e antropologia escolástica na obra de Alain Boureau. **Bulletin Du centre d'études médiévales d'Auxerre**, v. 18, n. 1, 2014, pp. 1-13.



principalmente, com traduções. Isso, além de dificultar trabalhos sobre temas que não aparecem tanto na escrita por serem da ordem do automático (como concepções de morte e crenças escatológicas)⁵⁹, durante muito tempo fez com que os historiadores tirassem conclusões generalizantes a partir desses documentos, como se aquelas visões de mundo “de cima” representassem um todo social. A relação com a Antropologia fez com que os historiadores compreendessem melhor os “de baixo”, percebendo que suas visões de mundo não são convergentes, em via de regra, com as visões de mundo da elite letrada da Idade Média, por exemplo. Ao perceber isso, mesmo trabalhando com documentação produzida por essa elite, com uma “grande obra”, conseguimos posicionar as nossas conclusões de forma mais realista. Se através da análise da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino conseguimos captar uma concepção de morte, em documentação diferente produzida por setores diversos, provavelmente seja possível captar outra. Ao dar voz às classes anteriormente desprezadas como irracionais e supersticiosas, nossa disciplina se aproxima mais da complexidade do real.

Considerações finais

Acreditamos que ao nos aproximarmos da Antropologia Histórica conseguimos mais facilmente desconstruir o elitismo presente em algumas concepções de História Intelectual. Isso, certamente, por causa do novo olhar que os historiadores que se interessam por essa área antropológica podem adquirir. Falamos anteriormente, ao finalizar a parte acerca da História Intelectual nesse artigo, sobre a concepção presente na obra *Historia Intelectual del Occidente Medieval*, de Jacques Paul. É evidente que esse elitismo poderia ser problematizado de outra maneira. Poderíamos, sem o auxílio da Antropologia, dizer que é incoerente afirmar que as “grandes obras acabadas” representam melhor a visão de mundo de uma época porque permaneceram para a posteridade. Todavia, acreditamos que ganhamos propriedade se afirmamos isso também porque percebemos que já foram trazidas à superfície visões muito complexas e interessantes de mundo a partir de estudos de sociedades que sequer possuíam escrita. Esse arcabouço comparativo de culturas e visões de mundo poucas áreas poderiam oferecer como a Antropologia. Em síntese: é esse novo olhar que emerge das relações cada vez mais bem articuladas entre a História e a Antropologia e todo o saldo positivo que isso pode

⁵⁹ Nesse quesito acreditamos que o que pode nos auxiliar é, como chamou Carlo Ginzburg, o “paradigma indiciário”. Procurar nos documentos pistas sobre um assunto que não necessariamente o produtor desse documento pretendia transparecer ali. Procurar brechas nas documentações para além do que os produtores refletiram com atenção. Podemos, assim pensamos, encontrar traços de temas que só aparecem na documentação de forma indireta, como os pelos quais se interessa a Antropologia histórica. Sobre o paradigma indiciário cf. GINZBURG, Carlo. *Sinais, raízes de um paradigma indiciário*. In: _____. **Mitos, Emblemas, Sinais**. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143-179.



acarretar para a prática da História Intelectual que nos motiva a propor essa aproximação. Acreditamos ter ficado evidente que concordamos com Thompson quando este diz que a maior contribuição da nova área é o novo olhar que é por isso possibilitado. Ou podemos afirmar com Marco Aime: “*avere nuovi sguardi è un arricchimento*”⁶⁰.

⁶⁰ AIME; LA ROCCA. **Antropologia culturale**, p. 44.